

EMILY BARR

*A única
memória de
Flora Banks*

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

SUMÁRIO

Prólogo

Parte um

1

2

3

4

5

6

7

Parte dois

8

9

10

11

12

13

14

15

16

PRÓLOGO

MAIO

Estou no topo de uma colina, e, embora saiba que fiz algo terrível, não tenho ideia do que é.

Há um minuto ou uma hora eu sabia, mas isso desapareceu da minha mente, e não tive tempo de anotar nada, e agora está tudo perdido. Sei que tenho de ficar longe, mas não sei do que estou me escondendo.

Estou no cume de uma montanha em um lugar gélido e impossivelmente bonito. Lá embaixo, bem ao longe, tem uma faixa de água de um lado, com dois barcos a remo na margem. Do outro, o nada. Montanhas se estendem até onde a vista pode alcançar. O céu é do mais profundo azul, o sol é ofuscante. Tem um pouco de neve no chão, mas sinto calor, porque estou vestindo um pesado casaco de pele. A paisagem é clara e nevada. Não pode ser real. Estou me escondendo em algum lugar dentro da minha cabeça.

Quando olho para trás, vejo uma cabana lá embaixo, perto dos barcos; corri para longe dela, subi a montanha, me afastei de tudo que tem dentro dela. Não devia estar aqui fora sozinha, pois sei que existe algum perigo.

Prefiro correr o risco a enfrentar o que tem na cabana.

Como não há árvores aqui, preciso atravessar o cume antes de conseguir me esconder. Assim que passar por ele, estarei em território aberto. Seremos apenas eu, as montanhas, as rochas e a neve. Em pé no topo da montanha, tiro duas pedras lisas do bolso do casaco. Não sei por que estou fazendo isso, mas sei que é essencial. As pedras são pretas e, juntas, se encaixam perfeitamente na palma da minha mão. Eu as jogo, uma depois da outra, com toda a força, o mais longe possível. Elas desaparecem entre as rochas cobertas de neve, e eu fico satisfeita.

Logo terei sumido de vista. Vou encontrar um lugar onde me esconder e não vou me mexer até me lembrar do que fiz. Não importa quanto tempo leve. Provavelmente vou ficar aqui, neste lugar gelado, pelo resto da vida.

PARTE UM

1

A música é muito alta, a sala muito cheia, e tenho a sensação de que tem mais gente na casa do que qualquer ser humano seria capaz de conhecer. As notas baixas vibram pelo meu corpo. Estou em um canto há algum tempo: respiro fundo e começo a andar entre desconhecidos.

Olho para minha mão. *FESTA*, ela anuncia, em letras pretas e grossas.

— Já percebi — resmungo, embora não saiba por que estou aqui.

O ar cheira a suor, álcool e perfume, tudo misturado a alguma coisa enjoativa. Preciso sair daqui. Quero sentir o ar fresco. Quero ir me apoiar na balaustrada e olhar para o mar. O mar fica fora desta casa.

— Oi, Flora — alguém diz. Não reconheço. É um garoto alto e magro sem cabelo.

— Oi — respondo, com toda a dignidade que consigo reunir. Ele usa calça jeans. Todos os garotos aqui, e a maioria das garotas, usam jeans. Já eu estou usando um vestido branco e brilhante com saia justa e sapatos amarelos que nem são legais, e não são do meu

número.

Imagino ter me vestido para uma festa: estou me destacando como a pessoa que entendeu tudo errado.

Olho para minha mão. Ela diz: *Tenho 17 anos*. Olho para baixo, para mim outra vez. Pareço uma adolescente, mas não me sinto como tal.

Quando eu era mais nova, adorava me vestir para ir a festas. Eu colocava um vestido apropriado, como o de hoje, e as pessoas me abraçavam e diziam que eu parecia uma princesa. Mas não tenho mais idade para isso. Se tivesse uma caneta à mão, eu escreveria no braço, para enfatizar: “Sou mais velha do que penso ser”. Eu não devia mais usar vestidos de festa. Devia usar jeans.

— Bebida?

O menino está apontando para uma mesa onde há copos de plástico e garrafas. Olho para o meu pulso: *Não beber álcool*, ele avisa. Todo mundo ali está bebendo o que tem nas garrafas. Pode ser álcool.

— Sim, obrigada — respondo, para ver o que acontece. Minha mão também informa que *Drake está indo embora*. Namorado da P. A festa está acontecendo porque alguém vai embora. O P é de Paige. Namorado da Paige. Coitada da Paige. — Aquela vermelha, por favor.

Lambo o dedo e esfrego *Não beber álcool* até as palavras ficarem ilegíveis.

O garoto alto me passa um copo de plástico cheio de vinho. Faço uma careta no primeiro gole, mas segurar um copo com bebida alcoólica me faz sentir que tenho a ver com aquele lugar, e eu vou procurar a Paige.

Tenho dezessete anos. Estou em uma festa. Drake vai embora. Drake é o namorado de Paige.

Uma mulher toca meu braço e me detém. Eu me viro para encará-la. Ela tem cabelo loiro, quase branco, cortado em leves camadas, e dá para ver que é mais velha que todo mundo, porque há linhas em seu rosto. É a mãe de Paige. Não sei por que, mas ela não gosta de mim.

— Flora — ela grita para se fazer ouvir acima da música. Sorri com a boca, mas não com os olhos. Faço a mesma coisa. — Flora, você veio e está bem.

— Sim — grito e assinto vigorosamente.

— Vou avisar a sua mãe. Ela já me mandou três mensagens perguntando de você.

— Tudo bem.

— O Dave e eu estamos saindo. Vai ficar bem? Eu sei que você sempre precisa de babá.

Ela agora está sendo maldosa.

— Sim, é claro.

Ela olha para mim por um instante, depois vira e se afasta. Essa mulher é mãe da Paige, e esta casa é dela.

A música para e eu suspiro aliviada. Era alta, cheia de berros. Porém imediatamente outra começa, e agora as pessoas à minha volta estão pulando e dançando daquele jeito que eu jamais seria capaz de imitar. É evidente que estão contentes com a nova e animada canção.

— Põe Pixies de novo! — alguém grita perto do meu ouvido. Eu me sobressalto, e vinho respinga em meu vestido. Parece sangue.

Uma garota dá um passo para trás e pisa no meu pé. Ela tem o cabelo bem curto e usa brincos enormes e um batom vermelho e borrado que faz sua boca parecer um machucado.

— Ai, desculpa — ela diz e retoma a conversa.

Preciso ir embora. Tenho que sair daqui. Festas não são como eu pensava que fossem, com vestidos, brincadeiras e bolo. Não acho a Paige. Não tenho com quem conversar.

Estou seguindo para a porta, para o cheiro do mar e o barulho que não tem música, para minha casa, quando alguma coisa tilinta e alguém faz um “shhh” que ecoa pela sala. Todas as conversas são interrompidas, e eu me detenho, viro e olho para aqueles rostos.

Ele está de pé em cima de uma cadeira. É o Drake. Drake é o namorado de Paige, e Paige é minha melhor amiga. Eu me sinto em terra firme com ela. Eu a conheci quando tínhamos quatro anos e fomos para a escola. Ela usava tranças, eu também, e estávamos nervosas. Lembro as brincadeiras de pular no parquinho. Lembro que aprendemos a ler uma ao lado da outra: eu já sabia e a ajudei. Nos anos seguintes, eu a ajudava com os trabalhos, e ela escrevia peças para encenarmos e encontrava árvores nas quais podíamos subir. Lembro que começamos juntas o último ano do fundamental I, animadas com a ideia de ir para o fundamental II.

Conheço Paige, e quando a vejo me surpreendo por ela ser adulta. Isso significa que Drake é seu namorado de verdade.

Noto que ele tem cabelo escuro e usa óculos de armação preta. Ele está de calça jeans, como todo mundo. Não o reconheço.

Ele olha para os convidados. Quando me vê, sorri por um instante e desvia o olhar. Isso significa que, embora eu não o

reconheça, nós nos conhecemos. Tem uma garota loira parada ao lado da cadeira, olhando para ele. Está muito perto. Acho que já a vi antes. Ela não devia estar olhando para o Drake daquele jeito, se ele é namorado da Paige.

— Ei, valeu, pessoal, por terem vindo — ele fala para a sala cheia de gente. — Eu não esperava uma festa de verdade. Só estou na cidade há cinco minutos. Cinco meses, para ser mais exato. Tem sido incrível estar aqui com a tia Kate e o tio Jon, e eu não esperava fazer uma montanha de novos amigos neste lugar. Pensei que a Cornualha seria só um postinho avançado de Londres, que eu andaria naqueles ônibus de dois andares e, tipo, comeria aquela comida inglesa horrorosa e viraria um hooligan do futebol. Em vez disso, vivi momentos incríveis. Mantenham contato. Se alguém quiser ir para Svalbard me visitar na mais linda paisagem da Terra, vai ser legal. Eu sonho em morar lá desde sempre, e é muita sorte ter essa oportunidade. Mas isso não significa que a Cornualha não foi incrível, porque foi.

Alguém atrás de mim fala em voz baixa:

— Ele devia se gabar mais sobre o Ártico — e outra pessoa ri.

Tenho um telefone na mão. Uso o aparelho para tirar uma foto dele, para lembrar por que estou aqui. Não sei o que significa Svalbard. É uma palavra estranha. Mas vejo que ele gosta dela.

Bebo o resto do vinho, que ainda é horrível, e olho ao redor procurando mais. Estou meio enjoada.

— É claro — ele continua —, no tempo que passei aqui, tive a sorte de conhecer a bela Paige. — Uma pausa, ele sorri e fica levemente corado.

A pessoa atrás de mim resmunga:

— Muita areia para o caminhãozinho dele.

O grupo todo concorda.

— E, por intermédio dela — Drake continua —, conheci muitos de vocês, pessoas legais. Vou sentir saudade. É isso. Obrigado, todo mundo. Vou postar fotos de neve no Facebook para todo mundo ver. Ah, e um agradecimento especial à Paige, Yvonne e Dave por emprestarem a casa para esta festa, quando tudo o que eu planejava era um encontro no bar. Continuem bebendo e tentem não destruir a casa.

Algumas pessoas aplaudem quando ele desce da cadeira meio desajeitado, mas é um aplauso estranho, porque todo mundo segura um copo e bate palmas sem de fato bater palmas.

Tento entender o que ele acabou de dizer. Ele está indo embora. Vai para algum lugar que tem neve e está animado com isso. Ele passou cinco meses aqui em Penzance, na casa da tia Kate e do tio Jon. Paige organizou esta festa para ele.

Paige está em um canto, cercada por um grupo de pessoas. Ela levanta a cabeça e, usando apenas as sobrancelhas, pergunta se estou bem. Balanço a cabeça em uma resposta afirmativa.

Paige é linda, com o cabelo negro, longo, grosso e levemente enrolado, pele acetinada e covinhas que aparecem nas bochechas quando ela sorri. Parece uma boneca de porcelana. Hoje ela usa um vestido azul justo, meia-calça e botas. Puxo meu “vestido de festa” branco e tento não olhar para os sapatos horríveis, e me sinto toda errada.

Queria me olhar no espelho. Não vejo nenhum por ali.

Tem uma mensagem na parte interna do meu braço. *Cinema com a Paige amanhã. Para ela se animar.*

Encho de novo meu copo com vinho e saio discretamente por uma porta lateral, como se alguém fosse notar ou se importar com a minha partida. O ar frio atinge meu rosto, e o mar enche meus ouvidos e pulmões. Fecho os olhos por alguns segundos. Graças a Deus saí de lá.

Estou no meio da rua e é noite. Olho em volta tentando entender. Tem uma faixa branca sob os meus pés. Estou exatamente no meio da pista. Um carro vem rápido em minha direção e buzina. Olho para os faróis se aproximando, mas o veículo desvia e segue em frente, ainda buzinando enquanto desaparece ao longe.

Eu não devia estar fora de casa sozinha. Não devia ficar no meio da rua. Acabei de receber a autorização de atravessar a rua sem a companhia de um adulto. Por que estou fora à noite? Por que estou sozinha? Onde está a minha mãe?

Estou usando um vestido branco e um sapato amarelo esquisito. O vestido tem uma mancha vermelha na frente, mas nada dói quando toco a região. Estou segurando um copo de plástico cheio de suco de uva. Derrubei um pouco no vestido branco.

Tenho dez anos. Não sei por que meu corpo é de adulta. Odeio isso e quero ir para casa. Corro pela rua e descubro que estou perto do mar. Tem música vindo de algum lugar. Eu me apoio em uma grade e tento não entrar em pânico.

Bebo um gole do que tem no copo e faço careta. Não é suco de uva. Mas o gosto horrível é familiar, o que significa que eu já devia estar bebendo essa coisa antes.

Olho para minha mão. FLORA, ela diz, e essa sou eu. Essas

marcas na minha mão formam meu nome. Eu me apego a elas. Sou Flora. Embaixo do nome está escrito: *seja corajosa*. Fecho os olhos, respiro fundo e me controlo. Não sei por que estou aqui, mas vou ficar bem.

Tenho 17 anos, está escrito ali.

E na outra mão: *FESTA* e *Drake está indo embora*. Namorado da P. Tem mais alguma coisa borrada e ilegível. No braço: *Cinema com a Paige amanhã*. Para ela se animar. E no outro pulso: *Mãe e pai: Morrab Gardens, 3*.

Sei quem é Paige. Minha melhor amiga. Eu a conheci quando entramos na escola, aos quatro anos. Drake é namorado dela, mas está indo embora, e Paige precisa se animar.

Sei que tenho pais e sei onde moro. Meu endereço é Morrab Gardens, 3. Preciso ir para casa, e é isso que vou fazer. Minha cabeça está estranha. Estou tonta.

Olho para o reflexo da lua no mar. Tem um cartaz preso à balaustrada, um gato perdido, avisa a mensagem. Gato preto e branco sem orelhas. Desaparecido desde terça-feira. Tem um número de telefone, para o caso de alguém o encontrar. Tiro uma foto do cartaz, depois outra, e outra. Não gosto de pensar em um gato preto e branco sem orelhas perdido por aí. Ele não vai conseguir ouvir o barulho do trânsito. Preciso procurá-lo.

Viro o telefone e tiro uma foto do meu rosto. Olho para ele e vejo que estou diferente. Mais velha do que deveria estar. Não tenho dez anos.

Teve uma festa. Drake está indo embora. Paige está triste. Tenho dezessete anos. Preciso ser corajosa.

A água é negra. É uma grande área escura que se estende para a noite. O reflexo da lua brilha na escuridão. A esplanada iluminada é onde a terra termina.

Estou pensando se desço à praia e estrago os sapatos amarelos e estranhos dos quais nem sei se gosto caminhando sobre pedras ásperas e na areia molhada.

Posso sentar lá e beber o copo de vinho tinto que estou segurando, e olhar para a água por mais um tempo. Desço com cuidado alguns degraus gastos na parte central e sigo pelas pedras. Os saltos não afundam. A areia pedregosa é mais sólida do que parece. Encontro um lugar para sentar e fico olhando para a água.

As ondas fazem barulho nas pedras, e ouço passos atrás de mim. Não olho em volta. De repente, alguém senta ao meu lado.

— Flora — diz o garoto com um sorriso largo. Nossos ombros se tocam. — Isso é vinho, não é? — Pega o copo da minha mão e toma um gole. Olho para ele. O garoto usa óculos, tem cabelo escuro e está de calça jeans.

Eu me afasto um pouco.

— Sou eu — ele diz. — o Drake. Flora, está tudo bem?

— Você é o Drake?

— Sim. Ah. Sim. Entendi o que aconteceu. Tudo bem, Flora. Conheço você há meses. Sou o namorado da Paige.

Não sei o que dizer.

— Está tudo bem. Sério. Mas vinho? Você não bebe.

Quero falar alguma coisa, mas não tenho palavras. Quero tentar fingir que sou normal. É o Drake. Ele organizou uma festa, e agora está na praia.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. — Aqui na